

ESTUDOS GRAMSCI NO MUNDO GERMANÓFONO: UMA REVISÃO ATUAL

Gramscian studies in the German-speaking world: a current review

Gli studi gramsciani nel mondo germanofono: un bilancio attuale

Ingo Pohn-Lauggas¹

RESUMO

O artigo oferece uma visão geral dos usos, mais ou menos conscientes, das categorias de Gramsci no mundo cultural, político e científico alemão. Uma resenha na qual, depois de retrazar o processo de tradução e publicação das obras de Gramsci em alemão, o autor se detém, com particular atenção, nos aprofundamentos dedicados ao intelectual sardo nos campos científicos, que parecem mais relevantes e significativos, a saber, ciências políticas e sociais, pedagogia, estudos culturais e pós-coloniais.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Gramsci, mundo germanófono, ciência política, pedagogia, estudos culturais e pós-coloniais.

ABSTRACT

The article offers an overview, more or less conscious, on uses of Gramsci's categories in the German cultural, political and scientific world. A review in which, after retracing the process of translation and publication of Gramsci's works in German, the author pays particular attention to the depths dedicated to the Sardinian intellectual in the scientific fields that seem most relevant and significant, namely political and social sciences, pedagogy, cultural and post-colonial studies.

KEYWORDS: Antonio Gramsci, German-speaking world, Political Science, Pedagogy, Cultural and post-colonial studies.

RIASSUNTO

L'articolo offre una panoramica degli usi più o meno consapevoli delle categorie gramsciane nel mondo culturale, politico e scientifico tedesco. Una rassegna nella quale, dopo aver ripercorso il processo di traduzione e pubblicazione delle opere gramsciane in tedesco, l'autore si sofferma con particolare attenzione sugli sviluppi dedicati all'intellettuale sardo nei campi scientifici paiono più rilevanti e significativi, ossia, le scienze politiche e sociali, la pedagogia, gli studi culturali e postcoloniali.

PAROLE CHIAVE: Antonio Gramsci, Mondo di lingua tedesca, scienze politiche, pedagogia, studi culturali e postcoloniali.

¹ Professor de Estudos Literários e Culturais no Departamento de Estudos Românicos da Universidade de Viena

INTRODUÇÃO²

Uma revisão, mesmo geral, da difusão de Gramsci e das suas categorias na área cultural de língua alemã é confrontada com o conhecido problema, mesmo noutros locais, de que esta presença é muitas vezes apenas implícita ou mesmo num certo sentido ‘inconsciente’; neste último caso - que se aplica, por exemplo, como veremos, sem dúvida, à corrente dominante dos estudos culturais alemães, as *Kulturwissenschaften* - os vestígios são obviamente ainda mais difíceis de identificar. Deve, portanto, ser sublinhado que o presente só pode ser uma visão global das manifestações explícitas desta presença e não, por assim dizer, implícita do pensamento gramsciano nas várias vertentes científicas ou alinhamentos políticos.

Após um breve panorama do estado atual das várias edições das obras de Gramsci, que envolve também os escritos pré-carcerários e as cartas, voltaremos aos campos de investigação que atualmente parecem ser os mais relevantes para a presença de Gramsci, nomeadamente as ciências políticas e sociais, a pedagogia e - num certo sentido relacionado com ela - os estudos culturais e pós-coloniais.

EDIÇÕES

No que diz respeito às traduções alemãs da obra de Antonio Gramsci, o papel fundamental da editora *Argument* de Hamburgo (e Berlim), ligado ao nome do filósofo Wolfgang Fritz Haug, ao qual devemos a iniciativa que foi a marca do "*Gramsci-Projekt*", ou seja, a tradução completa dos Cadernos do Cárcere que segue, fielmente, a edição crítica do Instituto Gramsci editado por Valentino Gerratana em 1975.³ Este meticuloso trabalho de tradução foi concluído - após onze anos - em 2002, fornecendo uma edição de nove volumes (mais um volume dedicado ao aparato crítico). Nos últimos anos, foi também impressa uma versão ‘de bolso’ mais barata, novamente em dez volumes⁴. No

² Texto original em italiano traduzido por Maria Margarida Machado.

³ Sobre a história do “Gramsci-Projekt” e as circunstâncias da tradução conferir o estudo atual de A. Mezzasalma, *Die Gefängnishefte Antonio Gramscis. Rezeption und Übersetzungen*, Berlim, Frank & Timme, in stampa 2022.

⁴ A. Gramsci, *Gefängnishefte*, a cura di K. Bochmann, W.F. Haug e P. Jehle, 10 vol., Amburgo, Argument/InkriT, 1991-2002.

entanto, no que diz respeito às Cartas do Cárcere, o trabalho de tradução, ligado aos nomes de Ursula Apitzsch e Peter Kammerer, está ainda em curso, porque foi decidido subdividir os volumes de acordo com os destinatários e, acima de tudo, integrar também as suas cartas. As “Cartas do Cárcere” alemãs representam, portanto, na realidade, a correspondência com Giulia e Tatiana Schucht. Este projeto resultou em três volumes: I Correspondência com Giulia Schucht, II Correspondência com Tatiana Schucht 1926-1930, III Correspondência com Tatiana Schucht 1931-1935⁵.

A fim de proporcionar as edições mais facilmente acessíveis, em 2004 a editora *Argument* fundou a série “Gramsci-Reader”: antologias de caráter temáticas de excertos selecionados dos Cadernos do Cárcere dedicados à educação e instrução⁶, Americanismo⁷ e literatura e cultura⁸. Este último volume foi editado por mim e é - para além das crônicas teatrais - comparável ao volume histórico *Literatura e Vida Nacional*, das primeiras edições temáticas italianas do pós-guerra. Uma fórmula editorial que se dirige a um vasto público é a do “Acesse aos Cadernos do Cárcere”⁹, que é literalmente um livro de leitura com breves introduções temáticas aos capítulos individuais e sem inclusão do aparato crítico.

As várias edições de uma parte dos escritos de Gramsci do período pré carcerário, contudo, pararam nos anos 1980, e este fato representa certamente uma lacuna para a investigação alemã, sobre o desenvolvimento do pensamento gramsciano. Numa tentativa de preencher esta lacuna, pelo menos em pequena medida, o autor destas linhas está envolvido: com um colega, em um projeto de tradução e edição do título *Questão Meridional e Subalternos*. Este livro consistirá, por um lado, de uma antologia de parágrafos dos Cadernos do Cárcere e, por outro lado, de uma série de novas, ou seja, primeiras traduções dos mais importantes escritos pré-carcerários a este respeito¹⁰. A

⁵ A. Gramsci, *Gefängnisbriefe. Briefwechsel mit Giulia Schucht*, Amburgo/Francoforte s.M., Argument/InkriT, 1995; *Gefängnisbriefe. Briefwechsel mit Tatjana Schucht 1926-1930*, 2008; *Gefängnisbriefe. Briefwechsel mit Tatjana Schucht 1931-1935*, 2015.

⁶ A. Gramsci, *Erziehung und Bildung*, a cura di A. Merkens, Amburgo, Argument, 2004.

⁷ A. Gramsci, *Amerika und Europa*, a cura di Th. Barfuss, Amburgo, Argument, 2007.

⁸ A. Gramsci, *Literatur und Kultur*, a cura di I. [Pohn-]Lauggas, Amburgo, Argument, 2012.

⁹ *Gramsci lesen. Einstiege in die Gefängnishefte*, a cura di F. Becker, M. Candeias, J. Niggeman e A. Steckner, Amburgo, Argument, 2013.

¹⁰ A. Gramsci, *Südfrage und Subalterne*, a cura di A. Assinger e I. Pohn-Lauggas, com novas traduções de I. Pohn-Lauggas, Amburgo, Argument, in stampa 2022.

necessidade de uma nova tradução deve-se ao fato de as traduções existentes terem sido feitas antes da tradução filologicamente escrupulosa dos Cadernos do Cárcere, a partir dos anos 1990. As minhas traduções do importantíssimo ensaio sobre a questão meridional e outros escritos, incluindo as chamadas *Teses de Lyon* - até agora não disponíveis em alemão! - serão baseadas no estado atual da intensa reflexão sobre a linguagem e terminologia de Gramsci desenvolvida no contexto da edição Cadernos.

INTRODUÇÕES

Ainda mais movimento pode ser visto, no campo das introduções a Gramsci, um mercado que atualmente parece insaciável para estes chamados livros "pequenos". Mencionarei apenas dois deles: a muito recente "Introdução ao Pensamento Político de Gramsci" de 2021, no qual o autor também dedica amplo espaço, tanto à biografia como ao desenvolvimento político do Gramsci em Turim e relaciona os seus escritos - mesmo depois os do Cárcere - com o seu trabalho como político: ambições que são tudo menos óbvias num contexto alemão¹¹. De boa qualidade é também a série da editora *Junius*: há alguns anos atrás saiu a introdução de Thomas Barfuss e Peter Jehle - este último é conhecido como um dos tradutores e editores dos próprios *Cadernos* e, por esta razão, é certamente um dos mais profundos conhecedores do pensamento gramsciano, muito atento aos problemas filológicos¹². Na mesma série da *Junius*, acaba de ser publicada uma introdução às teorias de hegemonia:¹³ o autor, Martin Nonhoff, um cientista político, é um estudioso das teorias políticas do chamado pós-marxismo, e não é por acaso que, para além de Gramsci, dá grande peso às teorias de Chantal Mouffe e Ernesto Laclau. Esta introdução complementa a de Benjamin Opratko, também um cientista político: a sua introdução data de 2012 e está agora já na sua terceira edição. Após uma reconstrução convincente da teoria da hegemonia gramsciana, Opratko concentra-se na economia política internacional do tipo neo-gramsciano, ou seja, de Robert Cox e Stephen Gill, e

¹¹ Th. Bellermann, *Gramscis politisches Denken. Eine Einführung*, Stoccarda, Schmetterling Verlag, 2021.

¹² Th. Barfuss e P. Jehle, *Antonio Gramsci zur Einführung*, Amburgo, Junius, 2014.

¹³ M. Nonhoff, *Hegemonietheorien zur Einführung*, Amburgo, Junius, 2022.

depois - claro - também de Laclau e Mouffe.¹⁴

Não foi ainda publicada uma biografia monográfica de Gramsci em alemão, mas é bastante difundida, conhecida e citada a tradução daquela lendária de Giuseppe Fiori, republicada em 2013¹⁵. Neste contexto, uma curiosidade: Nora Bossong, uma das mais conhecidas jovens escritoras contemporâneas na Alemanha, dedicou um verdadeiro romance ‘biográfico’ a Gramsci em 2015, com ao centro, não só o famoso ‘caderno desaparecido’, mas também, e sobretudo, o caso das difíceis relações sentimentais com as irmãs Schucht¹⁶. Obviamente, é apenas por acaso que este romance tenha sido publicado, praticamente, ao mesmo tempo em que viu a luz do dia o livro de Noemi Ghetti sobre Gramsci “em Moscou, entre política e amor”, *La cartolina di Gramsci*.¹⁷

‘ARGUMENT’ E SEUS ARREDORES

A editora *Argument* em Hamburgo não é a única ‘morada’ dos escritos de Gramsci e de diversos volumes variados sobre Gramsci, que somos compelidos a omitir aqui, mas também de uma homônima “revista de filosofia e ciências sociais”, na qual temos uma forte presença de temas de Gramsci – de modo explícito e também implícito. Para além dos ensaios individuais¹⁸, apenas menciono, a este respeito, os últimos números monográficos: “Pessimismo da Inteligência, Otimismo da Vontade” (2007), “Violência e Hegemonia” (2012), “Filosofia da Práxis (I)” (2017), “Filosofia da Práxis (II)” (2018), “Como o Feminismo pode lucrar com a Filosofia da Práxis” (2021)¹⁹. Além disso, é

¹⁴ B. Opratko, *Hegemonie. Politische Theorie nach Antonio Gramsci*, Münster, Westfälisches Dampfboot, 2012ss.

¹⁵ G. Fiori, *Das Leben des Antonio Gramsci. Eine Biographie*, trad. da R. Heimbucher e S. Schoop, Berlino, Rotbuch Verlag, 2013.

¹⁶ N. Bossong, *36,9°*, Monaco/B., Hanser, 2015.

¹⁷ N. Ghetti, *La cartolina di Gramsci: a Mosca, tra politica e amori 1922–1924*, Roma, Donzelli editore, 2016. Cfr. a dupla resenha dos dois livros de I. Pohn-Lauggas, “‘Un tutto inscindibile’: Entprovinzialisierung, Vergangenheit und Gegenwart (und die Gefühle). Biographische Reflexionen zu Antonio Gramscis 80. Todestag“, in *Romanische Studien* 7, 2017.

¹⁸ Incluindo as minhas próprias traduções do italiano: G. Liguori, “Die Revolution als Lernprozess: Gramsci und die russischen Revolutionen von 1917” [La rivoluzione come processo di apprendimento: Gramsci e le rivoluzioni russe del 1917], in: *Das Argument* 321, 2017, p. 20-29; A. Burgio, “Über die Beziehung von Gramsci zu Labriola” [Sul rapporto tra Gramsci e Labriola], in: *Das Argument* 326, 2018, p. 196-213; A. Burgio, “Über *Marxismo e filosofia della praxis. Da Labriola a Gramsci* von Marcello Musté”, in: *Das Argument* 332, 2019, p. 290-293.

¹⁹ *Pessimismus des Verstandes – Optimismus des Willens*, *Das Argument* 270, 2/2007; *Gewalt und Hegemonie*, *Das Argument* 288, 4-5/2010; *Philosophie der Praxis (I). Elemente eines Neuanfangs*, *Das*

precisamente à Filosofia da Práxis que Wolfgang Fritz Haug, fundador - com o sociólogo Frigga Haug - tanto da revista como da editora, dedicou a sua última monografia, a *Propedêutica para a filosofia da práxis*²⁰, que, de certa forma, é paralela à sua introdução à *Filosofar com Brecht e Gramsci*²¹.

Uma grande parte das energias do círculo de Berlim do *Instituto de teoria crítica*²², que atua oficialmente como editor, tanto dos escritos de Gramsci como da revista, é absorvida pelo projeto de fazer época do *Dicionário histórico-crítico do marxismo* (1994ss.). No período de tempo que aqui nos interessa, saíram sete volumes (de milhares de páginas), contendo verbetes como “Hegemonia”, “Intelectuais”, “Catarse” (de Peter Thomas), a “Linha Luxemburgo-Gramsci” e o meu “Lorianismo”.²³ Agora estamos na letra “M”: seguiremos com “Intelectuais Orgânicos”, “Questão Meridional”, “Subalternos” e outros. O Instituto organiza também uma conferência internacional anual, que desde a primeira edição (em 1997 - que foi explicitamente uma “Conferência Gramsci”) se tem concentrado repetidamente no pensamento gramsciano e nas suas categorias. Em 2012, a conferência intitulou-se “Atualização de Gramsci”²⁴.

CONFERÊNCIAS

Uma visão geral das várias conferências na área alemã só pode ser seletiva e centrar-se nas mais representativas. Um dos eventos mais atuais mostra que, também na Alemanha e na Áustria, a interpretação ‘discursiva’ da teoria de hegemonia de Laclau está bastante presente: por exemplo, deve ser mencionado o nome do cientista político Oliver Marchart, aluno de Laclau na Escola Essex e agora professor na Universidade de Viena, que também falou num simpósio muito recente sobre “Novas perspectivas sobre

Argument 322, 2/2017; *Philosophie der Praxis (II) – Labriolas Grundlegung*, *Das Argument* 326, 2/2018; *Wie Feministinnen Philosophie der Praxis nutzen können*, *Das Argument* 336, 1/2021.

²⁰ W.F. Haug, *Vorschule zur Philosophie der Praxis*, Amburgo, Argument, 2021.

²¹ W.F. Haug, *Philosophieren mit Brecht und Gramsci*, ed. ampl., Amburgo, Argument, 2006.

²² Berliner Institut für kritische Theorie: <https://www.inkrit.de>.

²³ W.F. Haug, “Hegemonie”, in: *Historisch-kritisches Wörterbuch des Marxismus* (HKWM), vol. 6/I, 2004; A. Demirović e P. Jehle, “Intellektuelle”, in: vol. 6/II, 2004; P. Thomas, “Katharsis”, in: vol. 7/I, 2008; F. Haug, “Linie Luxemburg-Gramsci”, in: 8/I, 2012; I. Pohn-Lauggas, “Lorianismus”, in: vol. 8/II, 2015.

²⁴ XVI. Internationale InkriT-Tagung: “Aktualisierung Gramscis”, Esslingen/N, 6/2012.

discursos emancipatórios e democráticos radicais”²⁵. Voltaremos a este tópico mais a frente.

Mais no terreno sindical se move uma *Iniciativa por uma política nova de Brunswick* que, desde 2007, tem organizado uma conferência anual intitulada “Gramsci-Tage”, que nem sempre é explicitamente dedicada ao pensamento gramsciano, mas é inspirada pelo seu “marxismo aberto” como “base para a análise do capitalismo atual e o desenvolvimento de estratégias emancipatórias”²⁶. A edição de 2022 é dedicada a “A luta pela hegemonia: poder midiático e esfera pública no capitalismo digital”.²⁷ Apenas alguns meses depois, uma semana inteira de estudo intitulada “Kantine Gramsci” ocorreu em Chemnitz; é um festival de teoria que trata anualmente da vida e obra de um pensador político diferente.²⁸

Limitando-nos a conferências que abordaram conceitualmente Gramsci, identificamos duas em Viena: há alguns anos realizou-se o simpósio “Do senso comum à resistência”, no qual representantes das mais diversas áreas de investigação explicaram como aplicam concretamente as categorias de Gramsci no seu trabalho.²⁹ Só recentemente, por outro lado, teve lugar a conferência internacional “Passagem” dedicada à comparação entre Walter Benjamin e o pensador sardo³⁰: uma cooperação com a Universidade de Roma Tre, que gerou uma conferência ‘congênere’, por assim dizer, no Instituto Italiano de Estudos Germânicos em Roma³¹. As atas da conferência de Viena foram publicadas num número monográfico da presente revista - o primeiro número da *International Gramsci Journal*, constituído em grande parte por contribuições em alemão.³²

²⁵ “Hegemony – Crisis – Intervention: New Perspectives on Emancipatory & Radical Democratic Discourses”, Brema, 9/2021.

²⁶ Cfr. sito della Braunschweiger Initiative für eine andere Politik, <http://biap-braunschweig.de>.

²⁷ 15. Braunschweiger Gramsci-Tage: “Der Kampf um die Hegemonie – Medienmacht und Öffentlichkeit im digitalen Kapitalismus”, Brunswick, 6/2022.

²⁸ “Kantine Gramsci”, Chemnitz, 8/2022.

²⁹ Symposium “Vom Alltagsverstand zum Widerstand”, Vienna, 12/2007.

³⁰ Internationale Tagung “Passagen – Walter Benjamin & Antonio Gramsci”, Vienna, 5/2019.

³¹ “Walter Benjamin & Antonio Gramsci: dialettiche di un incontro mancato”, Roma, 11/2021.

³² *Walter Benjamin & Antonio Gramsci: Passagen – Bridges*, a cura di B. Wagner e I. Pohn-Lauggas, *International Gramsci Journal*, 3(4), 2020.

ÁREAS DE PESQUISA

A. Ciências políticas e sociais

Uma vertente à qual já aludi, mas com a qual não posso lidar aqui em profundidade por razões de espaço, é a abordagem discursiva da teoria da hegemonia, que gerou toda uma série de publicações³³. As teorias do estado podem ser vistas como uma ligação entre estas abordagens e pontos de vista mais materialistas, e portanto não é coincidência que um volume sobre a teoria do estado, no pensamento de Chantal Mouffe e Ernesto Laclau, contenha um capítulo sobre Gramsci³⁴, tal como um volume sobre Gramsci na mesma série - cujo título alude à fórmula de Gramsci de “hegemonia encorçada da coerção” - contém um capítulo sobre Laclau³⁵. Uma das suas editoras, Sonja Buckel, professora de teoria política na Universidade de Kassel, está entre os expoentes mais importantes dos grupos de investigação sociológica e política, por assim dizer ‘empenhada’ ou ao menos de investigação e teoria ‘crítica’.

Deve ser feita menção, neste contexto, da *Associação por uma pesquisa social crítica* (AKG), à qual pertencem um bom número de estudiosos e estudiosas Gramscianos.³⁶ Entre eles encontram-se figuras bem conhecidas como Alex Demirović, expoente da Teoria Crítica em Frankfurt S. M. com uma bibliografia gramsciana muito longa entre as mais essenciais de língua alemã. Demirović está também ligado ao *Instituto de análise social Rosa Luxemburg Stiftung* (RLS),³⁷ um dos mais importantes institutos de educação política socialista na Alemanha, ele próprio ligado ao Partido de Esquerda, o Linkspartei. A AKG é uma associação muito ativa na organização de várias conferências, eventos e publicações, bem como de intervenções políticas e jornalísticas. À sua diretoria pertence, de fato, Buckel, que é também responsável pelo grande projeto de investigação 'Staatsprojekt Europa', que se dedica há anos à “análise da atual fase da

³³ Cito, pars pro toto, la più attuale di L. Kempe, *Die diskursive Seite hegemonialer Ordnungen. Eine Neubestimmung des Verhältnisses von Diskurs, Macht und Hegemonie*, Münster, Westfälisches Dampfboot, 2021.

³⁴ I. Pohn-Lauggas, “Integraler Staat und radikale Demokratie. Hegemonie und Staatsmacht bei Gramsci und Laclau/Mouffe”, in: A. Hetzel (ed.), *Radikale Demokratie. Zum Staatsverständnis von Chantal Mouffe und Ernesto Laclau*, Baden-Baden, Nomos, 2017, p. 21-37.

³⁵ S. Buckel e A. Fischer-Lescano (ed.), *Hegemonie gepanzert mit Zwang. Zivilgesellschaft und Politik im Staatsverständnis Antonio Gramscis*, Baden-Baden, Nomos, 2007.

³⁶ Assoziatiön für kritische Gesellschaftsforschung: <https://akg-online.org>.

³⁷ Institut für Gesellschaftsanalyse: <https://www.rosalux.de/stiftung/ifg>.

democracia na União Europeia, no contexto de uma análise conjuntural das formas de domínio estatal e dos movimentos sociais³⁸. Tudo isto explicitamente com base na teoria da hegemonia, como provam as numerosas publicações dos membros do grupo.

Um forte debate político foi desencadeado pelo livro sobre o “estilo de vida imperial”³⁹ de Ulrich Brand e Markus Wissen, que se tornou um best-seller, mesmo fora do campo acadêmico e está também disponível na tradução inglesa⁴⁰. O próprio Brand, professor de política internacional em Viena, na sua análise da exploração não só do homem, mas também e sobretudo da natureza no capitalismo global, baseia-se numa base sólida da teoria gramsciana, que também é reconhecida no título do seu último livro em 2020, dedicado ao “pós-crescimento e contra-hegemonia”⁴¹. Estes campos e autores, apenas brevemente apresentados aqui, são também unidos pela *Historical-materialist policy analysis* (HMPA),⁴² uma abordagem que é também dedicada à investigação sobre migração - o último campo que gostaria de mencionar, como exemplo da presença de Gramsci, nas ciências políticas e sociais.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para destacar um prêmio para teses de doutoramento dedicadas à “investigação crítica na sociedade da migração”: anunciado anualmente pela Câmara do Trabalho de Viena com a Universidade de Bielefeld (o prêmio é de 5.000 euros) e nomeado solenemente em homenagem a Antonio Gramsci.⁴³ De fato, um dos vencedores nos últimos anos foi Benjamin Opratko, que baseia a sua investigação no “racismo austríaco antimuçulmano” explicitamente nos “fundamentos de uma análise do racismo inspirada na teoria da hegemonia”.⁴⁴

Os exemplos dados e selecionados (muito subjetivamente, é inevitável) do campo

³⁸ Cfr. <http://staatsprojekt-europa.eu>.

³⁹ U. Brand e M. Wissen, *Imperiale Lebensweise. Zur Ausbeutung von Mensch und Natur im globalen Kapitalismus*, Monaco/B, oekom Verlag, 2017.

⁴⁰ U. Brand e M. Wissen, *The Imperial Mode of Living. Everyday Life and the Ecological Crisis of Capitalism*, trad. da Z. King, Londra, Verso Books, 2021.

⁴¹ U. Brand, *Post-Wachstum und Gegen-Hegemonie: Klimastreiks und Alternativen zur imperialen Lebensweise*, Amburgo, VSA Verlag, 2020.

⁴² Cfr. per esempio U. Brand, “State, context and correspondence. Contours of a historical-materialist policy analysis”, in: *Österreichische Zeitschrift für Politikwissenschaft* (ÖZP), 42, 2013, p. 425-442.

⁴³ Cfr. <https://wien.arbeiterkammer.at/antonio-gramsci-preis>.

⁴⁴ B. Opratko, *Im Namen der Emanzipation. Antimuslimischer Rassismus in Österreich*, Bielefeld, Transcript, 2019, pp. 103ss.

das ciências sociais destinavam-se a mostrar que os temas mais evidentes para uma análise política hoje em dia - democracia, Europa, crise ecológica, migração, racismo - são abordados pela investigação alemã e austríaca, sobretudo com ferramentas gramscianas.

B. Pedagogia

Apesar do enorme significado da afirmação de Gramsci de que “toda a relação 'hegemônica' é necessariamente uma relação pedagógica”,⁴⁵ devo limitar-me a algumas observações sobre a sua considerável presença no campo da pedagogia da língua alemã. Uma presença que também é comprovada pela vasta bibliografia atual, na qual encontramos pesquisas dedicadas a um modelo pedagógico inspirado na filosofia da práxis⁴⁶, à própria relação pedagógica,⁴⁷ à ligação entre o senso comum e a educação política,⁴⁸ à comparação quase habitual de Gramsci com Paulo Freire e à política da educação e universitária⁴⁹. Um marco neste campo será uma próxima antologia que apresentará uma revisão das “referências pedagógicas a Antonio Gramsci”⁵⁰, pretendendo preencher a lacuna de uma recepção sistemática do trabalho de Gramsci na área pedagógica. Os editores deste volume desempenham um papel importante neste campo: por Jan Niggemann, que acaba de ser publicada sobre instrução, educação e escolaridade em relação à hegemonia, senso comum e filosofia da práxis, uma monografia impecavelmente gramsciana sobre “autoridade pedagógica”⁵¹; Maria do Mar Castro Varela, por outro lado, é - entre outras - coautora da mais autorizada e mais difundida “Introdução à Teoria Pós-colonial” em alemão.⁵² Não é por acaso que se produz um

⁴⁵ Q. 10.II, §44, p. 1331.

⁴⁶ A. Bernhard, *Antonio Gramscis politische Pädagogik. Grundrisse eines praxisphilosophischen Erziehungs- und Bildungsmodells*, Amburgo, Argument, 2005.

⁴⁷ N. Sternfeld, *Das pädagogische Unverhältnis. Lehren und lernen bei Rancière, Gramsci und Foucault*, Vienna/Berlino, Turia + Kant, 2009.

⁴⁸ U. Hirschfeld, *Notizen zu Alltagsverstand, politischer Bildung und Utopie*, Amburgo, Argument, 2015.

⁴⁹ E. Mixa, I. [Pohn-]Lauggas e F. Kröll (ed.), *Einmischungen: Die Studierendenbewegung mit Antonio Gramsci lesen*, Vienna/Berlino, Turia + Kant, 2011.

⁵⁰ E. Mixa, I. [Pohn-]Lauggas e F. Kröll (ed.), *Einmischungen: Die Studierendenbewegung mit Antonio Gramsci lesen*, Vienna/Berlino, Turia + Kant, 2011.

⁵¹ J. Niggemann, *Der diskrete Charme der Autorität? Elemente pädagogischer Autorität und Autorisierungen aus erziehungswissenschaftlicher Perspektive*, Weinheim/Basilea, Beltz Juventa, 2022.

⁵² M. do Mar Castro Varela e N. Dhawan, *Postkoloniale Theorie. Eine kritische Einführung*, terza ed.,

importante ponto de encontro: há muitas intersecções entre questões de educação, emancipação, etc., e abordagens pós-coloniais e anti-racistas também na língua alemã. Gostaria de salientar, como exemplo, o “*bildungsLab**”, uma associação de “acadêmicos migrantes e acadêmicos de cor, ativos no espaço cultural-pedagógico” que se referem explicitamente à teoria da hegemonia⁵³.

C. Estudos Culturais e Pós-Coloniais

Com isto chegamos finalmente a um campo acadêmico com uma certa peculiaridade “alemã”. É efetivamente necessário lembrar que as “*Kulturwissenschaften*” - que seriam “estudos culturais” - não devem ser identificadas com aquilo que, por exemplo, associamos aos Estudos Culturais Britânicos. A viragem cultural aqui consistiu frequentemente numa simples assunção da palavra mágica ‘cultura’ nas humanidades, a fim de, ostensivamente, satisfazer alegadas compulsões modernizadoras. Muitas das *Kulturwissenschaften* são muito acomodadas e, sobretudo, apolíticas. Em vez disso, uma verdadeira ‘volta’ consistiria numa percepção dos processos culturais, no seu entrelaçamento com as condições sociais e as estruturas de poder. Enquanto nos Estudos Culturais Britânicos esta percepção se devia, em grande parte, à recepção de Gramsci, grande parte dos Estudos Culturais de língua alemã acredita que deveria evitar o terreno, se não político, pelo menos o do marxismo.

Ao falar de ‘sociedade’, das “dimensões mentais de uma cultura” ou mesmo de “concepções, ideias e valores socialmente dominantes” - cito de uma introdução a *Kulturwissenschaften* -⁵⁴, eles são assim capazes de “falar de hegemonia e ao mesmo tempo permanecer em silêncio sobre Gramsci”⁵⁵. Aludindo ao famoso ensaio de Stuart Hall sobre os “paradigmas dos *Estudos Culturais*”⁵⁶ em que Gramsci, numa determinada fase do seu desenvolvimento, atuou como “intermediário” entre estruturalismo e

Bielefeld, Transcript, 2020.

⁵³ Cfr. <https://www.bildungslab.net>.

⁵⁴ A. Nünning e R. Sommer, *Kulturwissenschaftliche Literaturwissenschaft. Disziplinäre Ansätze - Theoretische Positionen - Transdisziplinäre Perspektiven*, Tübinga, Narr, 2004, p.19.

⁵⁵ I. [Pohn-]Lauggas, *Hegemonie, Kunst und Literatur, Ästhetik und Politik bei Gramsci und Williams*, Vienna, Löcker, 2013, p. 115.

⁵⁶ St. Hall, “Cultural Studies: Two Paradigms”, in: *Media, Culture and Society*, no. 2, 1980, p. 57-72.

culturalismo,⁵⁷ poderíamos dizer que a sua teoria de hegemonia atua como uma linha divisória, entre a corrente dominante dos *Kulturwissenschaften* burgueses e os estudos culturais, como seria desejável.

Após esta advertência, no entanto, também se deve dizer que há alguns anos temos notado uma certa transformação: as últimas introduções e livros de texto reconhecem os *Cadernos do Cárcere* também como uma obra chave nos estudos culturais (e pós-coloniais!), como mostram, por exemplo, os livros da série muito popular dedicada às “obras chave” das várias disciplinas.⁵⁸ As monografias, no entanto, são sempre poucas e permitem-me mencionar o meu livro sobre hegemonia, arte e literatura, um estudo sobre estética e política em Gramsci e Williams.⁵⁹ De fato, há uma presença notável e quase redescoberta de Raymond Williams nos *Estudos Culturais* alemães, e claro que, através de Williams e da sua adoção acima de tudo do conceito de hegemonia, temos sempre também uma presença (implícita) de Gramsci.⁶⁰ Isto é naturalmente também verdade para Stuart Hall, mas este é um fenômeno, como é bem conhecido, não limitado ao mundo alemão.

Com o fenômeno de Gramsci ‘mais conhecido do que lido’ chegamos, para terminar, aos estudos pós-coloniais e precisamente aos *Subaltern Studies*. Já mencionei o ‘Introdução à teoria pós-colonial’ que saiu recentemente numa nova edição consideravelmente ampliada;⁶¹ este livro, na parte dedicada aos *Subaltern Studies*, dedica algumas páginas para ao contexto gramsciano do conceito de ‘subalternidade’ que são de boa qualidade: Joseph Buttigieg, um personagem, infelizmente pouco conhecido, fora da comunidade gramsciana, também é citado. Mas isto é, de facto, uma exceção: mesmo na edição alemã do best-seller de Gayatri Chakravorty Spivak, *Can the subaltern speak?*,

⁵⁷ Cfr. I. Pohn-Lauggas, “Gramsci intermediario? Stuart Hall e i paradigmi dei Cultural Studies”, in: P. Maltese e D. Mariscalco (ed.), *Vita, politica, rappresentazione. A partire dall’Italian Theory*, Verona, ombre corte edizioni, 2016, p. 191-205.

⁵⁸ Encontramos, na verdade, curtos capítulos sobre Gramsci em C. Leggewie et al. (ed.), *Schlüsselwerke der Kulturwissenschaften*, Bielefeld, Transcript, 2012; A. Hepp, F. Krotz e T. Thomas (ed.), *Schlüsselwerke der Cultural Studies*, Wiesbaden, VS Verlag, 2009; J. Reuter e A. Karentzos (ed.), *Schlüsselwerke der Postcolonial Studies*, Wiesbaden, VS Verlag, 2012.

⁵⁹ [Pohn-]Lauggas, 2013, cit.

⁶⁰ Cfr. i contributi su Gramsci in R. Horak, I. Pohn-Lauggas e M. Seidl (ed.), *Über Raymond Williams: Annäherungen, Positionen, Ausblicke*, Amburgo, Argument, 2017.

⁶¹ Do Mar Castro Varela/Dhawan, 2020, cit.

encontramos até as mais recentes reimpressões um prefácio dedicado à “presença dos subalternos”, que deve ser descrito como nada menos do que ‘ignorante’ uma vez que ignora os fatos mais simples sobre o legado teórico de Gramsci a que Spivak se refere.⁶²

E isto me leva de volta às minhas observações iniciais sobre as edições dos escritos de Gramsci: neste contexto, deve repetir-se que o ensaio sobre *Alguns temas da questão meridional* de 1926 - a que os estudos pós-coloniais, de fato, se referem frequentemente -⁶³ é pouco conhecido e difundido no mundo de língua alemã (à exceção de uma tradução dos anos 1980 com certas falhas e agora quase inatingível). Isto mostra a importância da nossa nova edição de *Questões meridionais e Subalternos*, a ser publicada em 2022.

Recebido em 12 de maio de 2023

Aceito em 13 de agosto de 2023

Editado em novembro de 2023

⁶² H. Steyerl, “Die Gegenwart der Subalternen”, in: G. Ch. Spivak, *Can the Subaltern Speak? Postkolonialität und subalterne Artikulation*, trad. da A. Joskowicz e St. Nowotny, Vienna/Berlino, Turia + Kant, 2011, p. 7-16.

⁶³ Cfr. por exemplo mais uma vez Spivak, 2011, cit., pp. 47ss.